

Ressalte-se também, que a IA em horário pré-estabelecido aumenta a possibilidade de uma maior fertilidade ao parto, uma vez que 50,0% das cabras que ovularam não apresentaram estro clínico.

1 - EMBRAPA-CNPC-CP.D.10 - 62100 - Sobral - CE

MANEJO

068 CICLO ESTRAL PÓS-PARTO EM CABRAS SRD NO NORDESTE DO BRASIL.

(Postpartum estrous cycle in SRD goats in the northeast of Brazil)

ANDRIOLI, A.; SIMPLÍCIO, A.A. e MACHADO, R.

O projeto foi conduzido na fazenda sede da EMBRAPA/CNPCaprinos, em Sobral, Estado do Ceará. Teve como objetivo conhecer a influência da época da parição no intervalo entre o parto e o primeiro estro clínico pós-parto, bem como, na duração média do primeiro e do segundo ciclos estrais pós-parto. Utilizaram-se 27 cabras e dois rufiões, mantidos em pastagem nativa (caatinga) na lotação de 1,6 ha/animal/ano. Os animais tiveram livre acesso a uma mistura de farinha de ossos autoclavada e cloreto de sódio, em partes iguais. As fêmeas foram divididas em dois grupos de acordo com a época de parição. O primeiro grupo (TI) era composto de 11 cabras que pariram na época chuvosa (janeiro a junho), enquanto que o segundo grupo (TII) era constituído de 16 cabras que pariram durante a época seca (julho a dezembro). Após a ocorrência do primeiro parto, os rufiões foram introduzidos em cada grupo com o objetivo de identificar as fêmeas em estro. Eles permaneceram junto às fêmeas até que todas elas apresentassem o terceiro estro. O desmame das crias foi efetuado a uma idade média de 112 dias. O intervalo médio entre o parto e o primeiro estro clínico pós-parto foi menor ($P < 0,01$) para as cabras do TI ($52,3 \pm 3,89$ dias), em comparação com aquelas do TII ($112,3 \pm 3,22$ dias). As médias gerais e erros padrões para a duração dos ciclos estrais foram de $32,6 \pm 12,36$ ($n=22$) e $27,1 \pm 2,22$ dias ($n=32$) para TI e TII, respectivamente ($P > 0,05$). Classificando o ciclo estral em curto (< 17), normal (17-24) e longo (25-52) dias, encontraram-se 27,3; 45,5; 27,3% e 6,3; 59,4; 34,4% para TI e TII, para a mesma ordem de classificação, respectivamente. As médias e erros padrões foram $6,5 \pm 0,34$ e $7,5 \pm 0,50$ dias para os ciclos curtos; $21,8 \pm 0,33$ e $21,3 \pm 0,34$ dias para os normais e $39,8 \pm 2,39$ e $40,6 \pm 2,25$ dias para os longos, para TI e TII, respectivamente. Nenhuma diferença ($P > 0,05$) foi encontrada entre as médias por categoria. Não houve diferença ($P > 0,05$) entre a duração do primeiro ($19,2 \pm 3,71$) e o segundo ($25,9 \pm 4,01$) ciclos estrais no TI. Enquanto no TII a duração do primeiro e do segundo ciclos estrais foram de $31,9 \pm 2,73$ e $22,3 \pm 2,50$ dias, respectivamente, havendo diferença ($P < 0,05$) entre elas. Conclui-se que as cabras paridas na época chuvosa assumem sua atividade ovariana mais cedo do que aquelas paridas na época seca e conseqüentemente poderão apresentar um intervalo entre partos mais curto e um

maior número de crias por cabra-ano.

1 - EMBRAPA-CNPC-CP.D 10-62100 - Sobral - CE.

069 TAXA DE OVULAÇÃO NO PÓS-PARTO EM CABRAS SRD NO NORDESTE DO BRASIL.

(Postpartum ovulation rate in SRD goats in the northeast of Brazil)

ANDRIOLI, A.; SIMPLÍCIO, A.A.; MACHADO, R.

O trabalho foi realizado na fazenda sede da EMBRAPA-CNPCaprinos, em Sobral, Estado do Ceará. Teve como objetivo verificar a influência da época de parição na ocorrência e taxa de ovulação, bem como a sua frequência, durante os três primeiros estros pós-parto das cabras. Foram utilizadas 27 fêmeas divididas em dois grupos, de acordo com a época de parição. O primeiro grupo (II) era composto de 11 cabras que pariram durante a época chuvosa (janeiro a junho), enquanto que o segundo grupo (III) era constituído de 16 cabras que pariram durante a época seca (julho a dezembro). As 27 cabras e os dois rufiões, usados para identificar as fêmeas em estro, foram mantidos em pastagem nativa (caatinga), na lotação de 1,6 ha/animal/ano. Os animais tiveram livre acesso a uma mistura de farinha de ossos autoclavada e cloreto de sódio, em partes iguais. Todas as 27 cabras foram submetidas a laparoscopias entre 60 a 96 h após o início do primeiro, do segundo e do terceiro estros pós-parto, com o intuito de se verificar a ocorrência ou não de ovulação e determinar sua taxa. Dos 33 estros identificados no TI, 29 (87,9%) e quatro (12,1%) foram ovulatórios e não ovulatórios, respectivamente. Enquanto que, dos 48 estros no TII, ocorreram 44 (91,7%) e quatro (8,3%) estros com e sem ovulação, na mesma ordem. Não houve diferença ($P > 0,05$) entre os tratamentos. O número e a porcentagem de estros com e sem ovulação foram de nove (81,2) e dois (18,2); dez (90,9) e um (9,1); dez (90,9) e um (9,1) para TI e de 15 (93,8) e um (6,3); 15 (93,8) e um (6,3); 14 (87,5) e dois (12,5) para TII, durante o primeiro, o segundo e o terceiro estros pós-parto, respectivamente. Não foi observada diferença ($P > 0,05$) na incidência de ovulação, dentro da época. As taxas de ovulação e os erros padrões foram de $1,8 \pm 0,13$ e $1,6 \pm 0,08$ para TI e TII, nesta ordem. As médias não são estatisticamente diferentes ($P > 0,05$). A taxa de ovulação e os erros padrões para o primeiro, o segundo e o terceiro estros no TI foram $1,6 \pm 0,08$; $2,0 \pm 0,21$ e $1,9 \pm 0,23$, havendo diferença estatística ($P < 0,05$) apenas entre o primeiro e o segundo estros. No TII foram encontradas $1,7 \pm 0,15$; $1,5 \pm 0,13$ e $1,6 \pm 0,13$ para as taxas de ovulação e erros padrões ao primeiro, segundo e terceiro estros pós-parto, nesta ordem não havendo diferença ($P > 0,05$) entre elas. A frequência de ovulação entre os ovários direito e esquerdo não diferiu ($P > 0,05$), sendo que, de um total de 124 ovulações, 61 (49,2%) ocorreram no ovário direito e 63 (50,8%) no ovário esquerdo. Conclui-se que, TI e TII não influenciaram na incidência e na taxa de ovulação pós-parto, por